



CADERNO TEOLÓGICO

Religião, democracia e direitos humanos

periodicos.pucpr.br/cadernoteologico



Teologia Feminista e Hermenêutica Crítica: leitura da bíblia a partir das margens

Feminist Theology and Critical Hermeneutics: Reading the Bible from the margins

Nome: Pedro Luís Macedo Dalcol [a] 

Ponta Grossa, PR, Brasil

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Como citar: DALCOL, Pedro Luís Macedo. Teologia Feminista e Hermenêutica Crítica: leitura da bíblia a partir das margens. *Caderno Teológico, Religião Democracia e Direitos Humanos*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 10, n.1, p. 129-141, jan./fev, 2025. DOI: <https://doi.org/10.7213/2318-8065.10.01.p129-142>

Resumo

Este artigo propõe uma análise crítica da teologia feminista como movimento teológico e hermenêutico que surge a partir da experiência histórica das mulheres, em especial das que ocupam posições sociais marginalizadas. Ao desafiar a tradição patriarcal da interpretação bíblica e da organização eclesial, a teologia feminista busca reconfigurar os fundamentos do discurso teológico, propondo uma leitura da Bíblia comprometida com a justiça, a memória e a corporeidade das mulheres. A partir do diálogo com autoras como Elisabeth Schüssler Fiorenza, Ivone Gebara, Rosemary Radford Ruether, Nancy Cardoso, Elizabeth Cady Stanton e Neiva Furlin, investiga-se como as hermenêuticas feministas constroem novas possibilidades teológicas desde os corpos historicamente silenciados. O estudo conclui que a teologia feminista, mais do que uma crítica, representa uma reconstrução epistemológica, ética e espiritual da fé cristã.

Palavras-chave: Teologia Feminista. Hermenêutica Crítica. Gênero. Marginalidade.

(a) Graduado em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e pós-graduado em História da Arte e Educação Especial pela Unifamma. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-5834-6923> EMAIL: pedroluizmacedodalcol@gmail.com

Abstract

This article offers a critical analysis of feminist theology as a theological and hermeneutical movement rooted in the historical experience of women, especially those situated in marginalized social positions. By challenging the patriarchal tradition of biblical interpretation and ecclesial structures, feminist theology seeks to reconfigure the foundations of theological discourse, proposing a reading of Scripture committed to justice, memory, and the corporeality of women. Drawing on authors such as Elisabeth Schüssler Fiorenza, Ivone Gebara, Rosemary Radford Ruether, Nancy Cardoso, Elizabeth Cady Stanton, and Neiva Furlin, the study examines how feminist hermeneutics construct new theological possibilities from historically silenced bodies. It concludes that feminist theology is not merely a critique, but an epistemological, ethical, and spiritual reconstruction of Christian faith

Keywords: Feminist Theology. Critical Hermeneutics. Gender. Marginality.

Introdução

Entre as margens da história e os silêncios do texto sagrado, ecoam vozes de mulheres que ousaram existir. Agar, estrangeira e serva, foi vista por Deus no deserto quando ninguém mais a via (Gn. 16:13). Tamar rasgou as vestes da vergonha para reivindicar sua justiça (2Sm. 13:19). Maria de Betânia rompeu a norma dos lugares ao sentar-se aos pés do Senhor como discípula (Lc. 10:39). A mulher do fluxo de sangue tocou o intocável e foi restaurada (Mc. 24-34). E Maria de Nazaré, jovem camponesa, pronunciou um cântico de revolução que derrubava tronos e exaltava os humilhados (Lc. 1:46-55).

Essas mulheres não apenas habitam o texto bíblico — elas o tensionam. São corpos, gestos, memórias que resistem à neutralização canônica. Seus nomes, às vezes esquecidos, atravessam o tecido das Escrituras como testemunhos de uma fé que insiste em florescer à margem.

A teologia feminista nasce desse lugar: da escuta atenta das histórias silenciadas, da reinterpretação dos símbolos e da reconfiguração dos critérios hermenêuticos. Ela emerge como movimento de denúncia e de criação, questionando a autoridade de um cânone moldado por olhares patriarciais e estruturas androcêntricas. Mais do que incluir as mulheres no texto, trata-se de reler o texto a partir delas — de suas feridas, suas lutas, suas espiritualidades, seus sonhos, dando voz a agentes outrora esquecidos.

Este artigo se propõe a percorrer esse caminho de reinterpretação, à luz da hermenêutica crítica e da experiência histórica das mulheres. Em diálogo com importantes vertentes do movimento teológico feminista, o texto buscará responder a seguinte problemática: de que modo a teologia feminista, como movimento hermenêutico, reconfigura os fundamentos da interpretação bíblica ao partir da experiência das mulheres, que foram historicamente marginalizadas? Essa questão se desdobra em interrogações complementares como: quais são as bases epistemológicas e metodológicas da hermenêutica feminista? Como ela dialoga criticamente com a tradição teológica patriarcal? E de que maneira as leituras feministas da Bíblia contribuem para a construção de uma teologia mais justa, inclusiva e libertadora?

Para responder essas questões, o estudo tem como objetivo analisar criticamente a teologia feminista como movimento teológico e hermenêutico que emerge das margens, desafiando as estruturas patriarcais da interpretação bíblica tradicional e da organização eclesial. Como objetivos específicos, busca-se: (1) contextualizar o surgimento

histórico da teologia feminista e seus principais marcos teóricos; (2) examinar as contribuições metodológicas da hermenêutica feminista para a leitura da Bíblia; (3) identificar as principais autores e correntes do pensamento teológico; e (4) refletir sobre as implicações éticas, políticas e espirituais dessa abordagem para a prática teológica contemporânea.

A hipótese que orienta essa investigação é a de que a teologia feminista não se limita a ser uma crítica pontual ao patriarcado religioso, mas representa uma reconstrução epistemológica profunda do fazer teológico, propondo nossos critérios de interpretação da escritura. Mais do que uma crítica à tradição, trata-se de uma práxis hermenêutica e espiritual que deseja transformar a forma como falamos de Deus, lemos a Bíblia e organizamos a vida de fé. Porque, como disse certa vez uma mulher anônima da Bíblia, ao tocar o manto de Jesus: “se eu apenas tocar, serei curada” (Mc. 5,28). A teologia feminista é esse gesto de tocar — crítica e esperança entrelaçadas em busca de cura, de palavra e de presença.

A pesquisa adota uma abordagem teórico-hermenêutica, com base em uma leitura crítica e situada dos textos bíblicos e da tradição teológica cristã a partir da perspectiva das teologias feministas. A opção metodológica parte da convicção de que todo ato interpretativo é atravessado por contextos históricos, corpos sociais e posições políticas, como já enfatizado por Hans-Georg Gadamer e Paul Ricoer, e aprofundado pelas teólogas feministas.

A pesquisa aqui apresentada recorre à análise bibliográfica e documental, com ênfase em autoras centrais para o pensamento teológico feminista — como Elisabeth Schüssler Fiorenza, Rosemary Radford Ruether, Nancy Cardoso, Elizabeth Cady Stanton, Neiva Furlin e Ivone Gebara — cujas obras contribuem para a construção de uma hermenêutica contra-hegemônica, capaz de desconstruir os dispositivos simbólicos que sustentam o patriarcado na tradição religiosa.

Segundo Schüssler Fiorenza (1992, p. 14), “a história do cristianismo é a história do silenciamento das mulheres”, e é a partir desse diagnóstico que se delineia a proposta metodológica do artigo: recuperar as vozes apagadas, resgatar as práticas de resistência e reinterpretar os textos canônicos sob uma nova luz — a luz dos corpos historicamente esquecidos, das experiências espirituais não institucionalizadas e das narrativas interrompidas.

A metodologia feminista também propõe uma epistemologia encarnada, que não dissocia razão e sensibilidade, nem texto e corpo. Como afirma Neiva Furlin (2015, p. 43), “a espiritualidade feminista não dissocia corpo e alma, mas reconhece que toda opressão espiritual começa pela opressão dos corpos”. Por isso, a presente análise não se limita a um exame teórico-formal, mas articula crítica textual, contexto social e práxis teológica.

Assim, este artigo se propõe a demonstrar que a hermenêutica feminista não é apenas uma metodologia interpretativa, mas um posicionamento ético e político que questiona as bases do discurso teológico tradicional e amplia o próprio sentido de “sagrado”, ao reconhecer a dignidade, a agência e a palavra das mulheres como lugares teológicos legítimos.

1. Fundamentos Epistemológicos da Teologia Feminista

A teologia feminista não surge como um apêndice às sistematizações clássicas da fé cristã, mas como uma ruptura epistemológica que questiona os próprios alicerces do saber teológico. Seu ponto de partida não está em dogmas estabelecidos, mas na experiência concreta das mulheres, especialmente daquelas marcadas pela exclusão, pobreza, violência de gênero e silenciamento institucional. É, portanto, uma teologia da suspeita e da esperança, que busca revelar as estruturas opressoras do discurso religioso e, ao mesmo tempo, abrir caminhos para novas formas de dialogar com o sagrado.

O gesto fundante da teologia feminista é epistemológico: trata-se de deslocar o lugar de onde se produz a teologia. Em vez de partir da tradição normativa, propõe-se pensar desde a margem, desde a experiência dos corpos

que foram sistematicamente desconsiderados como sujeitos ativos na prática teológica. Elisabeth Schüssler Fiorenza (1994, p. 13) afirma com precisão: “O ponto de partida da teologia feminista não é a doutrina, mas a experiência vivida das mulheres em seu contexto histórico e social.”

Essa experiência é plural, atravessada por raça, classe, sexualidade, territorialidade e espiritualidade. Assim, a teologia feminista não constitui um bloco homogêneo, mas um campo polifônico de vozes que denunciam a opressão e anunciam novas possibilidades hermenêuticas.

Rosemary Radford Ruether (1983, p. 18) destaca que “a teologia feminista exige uma reestruturação radical da linguagem sobre Deus, pois a linguagem tradicional refletiu e reforçou estruturas patriarcais e hierárquicas.” Tal reestruturação não é apenas conceitual, mas simbólica e afetiva. A imagem de Deus como exclusivamente masculina, o privilégio dado aos discursos oficiais e a exclusão de textos e lideranças femininas no processo de canonização das Escrituras são questionados por teólogas feministas como distorções estruturais do cristianismo. Ivone Gebara (1997, p. 26) lembra que “pensar Deus a partir da vida das mulheres é devolver ao sagrado sua face plural, sua intimidade com a fragilidade e a luta.”

O caráter epistemológico da teologia feminista é portanto inseparável do caráter político e ético. O saber teológico deixa de ser um exercício especulativo e passa a ser uma práxis crítica, situada, corporificada. Nancy Cardoso (2013, p. 30) expressa isso de maneira contundente: “Fazer teologia feminista é cultivar um olhar que brota do chão, das mãos calejadas, das dores de parto e das esperanças empoeiradas.”

Além disso, a teologia feminista denuncia a produção de conhecimento teológico como espaço de privilégio masculino, branco e europeu. A crítica pós-colonial e interseccional incorporada ao pensamento de autoras como Musa Dube e Neiva Furlin amplia o horizonte epistemológico, incluindo as experiências de mulheres negras, indígenas e periféricas como fontes legítimas de saber teológico.

Portanto, os fundamentos epistemológicos da teologia feminista são profundamente contra-hegemônicos. Eles nascem do reconhecimento de que toda teologia carrega uma posição, uma escolha, e uma escuta. E que a verdade do Evangelho não se mede pela repetição de doutrinas, mas pela sua capacidade de gerar vida, dignidade e justiça. Como afirma Elizabeth Cady Stanton (1895, p. 6), uma das precursoras da crítica bíblica feminista: “A Bíblia, em sua forma tradicional, é o maior obstáculo à emancipação das mulheres.”

A teologia feminista, ao desafiar esse obstáculo, se propõe como um novo horizonte teológico, no qual corpo, sensibilidade, afetos e resistência tornam-se também instrumentos de revelação - um horizonte onde o saber nasce da vida e onde a fé reencontra sua carne.

1.1 Genealogia e contextos das Teologias Feministas

As teologias feministas não surgem como um evento isolado na história da teologia cristã, mas como resposta plural e insurgente a processos históricos concretos de exclusão, silenciamento e opressão de gênero. Desde suas origens, estão profundamente enraizadas em contextos sociais, políticos e culturais específicos, nos quais mulheres se levantaram para denunciar a instrumentalização patriarcal da fé e para reconstruir uma espiritualidade libertadora.

No contexto europeu e norte-americano, a teologia feminista está intimamente ligada aos movimentos de emancipação das mulheres, especialmente a partir do século XIX. Elizabeth Cady Stanton, uma das primeiras vozes a desafiar a autoridade masculina da Bíblia, publicou em 1895 *The Woman's Bible*, uma obra pioneira que questionava a interpretação patriarcal das Escrituras. Segundo ela:

Desde a inauguração do movimento pela emancipação das mulheres, a Bíblia tem sido usada para mantê-la na ‘esfera divinamente ordenada, prescrita no Antigo e no Novo Testamento. O direito canônico e o civil; a Igreja e o Estado; sacerdotes e legisladores; todos os partidos políticos e denominações religiosas ensinaram igualmente que a mulher foi feita depois do homem, do homem

e para o homem — um ser inferior, sujeito ao homem. Credos, códigos, Escrituras e estatutos, todos se baseiam nessa ideia. As modas, formas, cerimônias e costumes da sociedade, as ordenanças e a disciplina eclesiástica, tudo decorre dessa ideia. (Stanton, 1885, p. 14)

A obra da autora é fundamental para o começo da crítica feminista à teologia tradicional. Stanton propunha uma releitura crítica das Escrituras, visando libertar o texto sagrado das camadas interpretativa androcêntricas acumuladas ao longo da história. Essa crítica fundante reverbera ainda hoje, servindo como um marco inicial para as produções teológicas feministas.

Nos Estados Unidos, durante o século XX, a teologia feminista articulou-se também com os movimentos pelos direitos civis e da igualdade de gênero. Autoras como Rosemary Radford Ruether e Letty M. Russell buscaram articular crítica teológica com justiça social, apontando as raízes patriarcais da linguagem sobre Deus e das estruturas eclesiás, além da necessidade de se criar uma hermenêutica baseada na experiência feminina.

Ruether argumenta que:

A singularidade da teologia feminista não está em seu uso de experiência, mas sim em seu uso da experiência das mulheres, que foi quase que completamente excluída da reflexão teológica no passado. O uso da experiência das mulheres na teologia feminista, portanto, explode como uma força crítica, expondo a teologia clássica, incluindo suas tradições codificadas, como baseadas na experiência masculina e não na experiência humana universal. A teologia feminista torna a sociologia do conhecimento teológico visível, não mais escondida atrás de mistificações de autoridade divina e universal objetificadas. (Ruether, 1993, p. 13)

Na América Latina, a teologia feminista floresceu nos espaços das Comunidades Eclesiais de Base, profundamente conectadas à Teologia da Libertação. Nesse contexto, a teóloga brasileira Ivone Gebara desenvolveu uma abordagem que une espiritualidade, crítica social e consciência ecológica (Gebara, 2002). Sua reflexão propõe que a vida cotidiana das mulheres — marcada por invisibilidades e resistências — seja compreendida como lugar legítimo de produção teológica.

Essas angústias concretas me estimulam a repensar a religião a partir de novos referenciais. Não pretendo ter respostas únicas para tais questões. Estou convencida de que não podemos deixar de refletir e de ensaiar novos passos, mesmo com o risco de errar. Em meio à luta dos deuses patriarcais algumas mulheres ousam afirmar que o amor e a ternura mudaram-se de domicílio. Misturaram-se a novos tecidos, a novos vinhos, fermentos, águas, a novos lugares e corpos. Estão recusando as prisões patriarcais, as ordens rígidas das hierarquias, a frieza dos templos de pedra. (Gebara, 2002, p. 101)

Teólogas como Nancy Cardoso (2013) e Neiva Furlin (2011) ampliaram esse horizonte a partir da experiência de mulheres negras, indígenas e periféricas, considerando a pluralidade de contextos e corpos como elementos essenciais da espiritualidade cristã. Furlin define a teologia feminista como uma voz que emerge das margens do discurso teológico, reafirmando seu papel hermenêutico na construção de um pensamento crítico. Tal voz se configura como uma consciência de sujeito reflexivo, no qual teólogas questionam os lugares socialmente impostos às mulheres por uma tradição eclesial e teológica predominantemente masculina:

A Teologia Feminista emerge como uma ‘outra voz no interior de um ramo de saber majoritariamente masculino. É uma voz que resulta da consciência de um sujeito reflexivo, neste caso, de mulheres teólogas que passam a questionar os lugares que socialmente lhes foram outorgados como legítimos por um único discurso teológico produzido, em geral, por homens celibatários. (Furlin, 2011, p. 140)

Ao encarar o estudo da religião através de uma abordagem de gênero, é possível traçar um paralelo entre a noção de cânone e o modo como ela se insere em um contexto onde a perspectiva hegemônica sempre partia do – e para – o masculino. Essa crítica ao lugar do masculino como paradigma universal e inquestionável da teologia é desenvolvida por Denir Brunelli, que encara a análise de gênero não apenas como mediação hermenêutica, mas como transformação das categorias epistemológicas do próprio discurso teológico:

A análise de gênero, se questiona a própria estrutura do pensamento teológico e provoca uma mudança significativa nessa estrutura. Gênero, portanto, não é só uma mediação hermenêutica, é também uma mediação epistemológica. Faz perceber que a teologia é masculina não só porque foi sempre produzida por homens, mas porque se desenvolveu numa cultura na qual o masculino era o normativo, e porque se serviu de um conhecimento filosófico produzido dessa forma. Por isso o discurso teológico ‘universal’ é androcêntrico. Muitas afirmações apresentadas como sendo do “humano”, na realidade, referem-se à experiência e à percepção masculina. (Brunelli, p. 116)

Ademais, é importante entender que a pluralidade do movimento feminista dentro do estudo teológico, levando em conta características históricas, sociais e culturais, acaba formando não apenas uma teologia feminista, mas sim um movimento plural com diversas teologias feministas complementares e interdependentes. Desses desdobramentos se criam diferentes teologias críticas baseadas nos objetivos específicos de cada abordagem:

Costumo chamar esses objetivos específicos ou imediatos de intencionalidades específicas, visto que partem da preocupação de grupos específicos como as mulheres negras, indígenas, lésbicas, trabalhadoras do campo, empregadas domésticas, etc. É a partir daí que se pode falar das diferentes teologias feministas. (Furlin, 2011, p. 140)

Nesse sentido, as teologias feministas constroem-se a partir de múltiplas intencionalidades e contextos. Como afirma Furlin (2011), é possível identificar teologias formadas a partir da realidade de mulheres negras, indígenas, lésbicas, camponesas e tantas outras que foram historicamente marginalizadas, tanto na sociedade quanto na Igreja. Essas diversas vozes revelam que o projeto teológico feminista não busca apenas a inclusão, mas a reconstrução crítica dos fundamentos estruturais do pensamento teológico.

A autora também reflete sobre as tensões internas à própria tentativa de validação da teologia feminista na Igreja. Mesmo quando há reconhecimento, ele parte de estruturas de poder masculinas, que determinam o lugar que as mulheres podem ocupar na vida eclesial e no debate acadêmico acerca da teologia:

“O reconhecimento da produção significa a admissão de que a teologia produzida por mulheres é competente e válida para a Igreja. Contudo, o “ser válida para a Igreja” significa ser válida pelos homens da Igreja, já que são eles que ocupam os lugares privilegiados no magistério eclesial.” (Furlin, 2011, p. 143)

Furlin destaca ainda que, embora documentos oficiais da Igreja Católica como a *Pacem in Terris* (1963), do Papa João XXIII, reconheçam a emergência das mulheres no espaço público como “sinais de Deus”, e o Concílio Vaticano II (1962–1965) mencione a dignidade da mulher enquanto ser humano e considere legítima a luta pela igualdade de gênero nos espaços públicos, Permanece uma contradição estrutural: mesmo ao incluir a perspectiva feminina, a instituição ainda define seus lugares que as mulheres devem ocupar:

Permito-me, aqui, fazer um pequeno comentário. Pensar que a Igreja, como instituição, é que deve convocar as mulheres para maior participação, parece-me ser algo contraditório, pois só se convoca quem não quer participar e esse não seria o caso das mulheres, já que elas foram impedidas por uma doutrina inserida numa cultura androcêntrica que privilegiou o sujeito masculino. Essa expressão evidencia que há um poder que se apresenta como legítimo na Igreja. Esse poder resolve escutar o que as mulheres “estão dizendo”, mas é ele quem convoca, decide e diz os lugares que ela deve ocupar. (Furlin, 2011, p. 148)

Ao analisarmos as diversas contribuição das teologias feministas, podemos observar a construção de uma tradição múltipla e dinâmica, que desafia a ideia de um único cânones hermenêutico. Unidas pela convicção de que as mulheres são sujeitos ativas do saber e da prática teológica, essas vozes -outrora silenciadas e renegadas - afirmam que repensar a fé a partir dos corpos e contextos historicamente excluídos é também reimaginar a fé, a Igreja e a própria noção do sagrado.

2. Corpo, gênero e experiência como lugar teológico

A teologia feminista representa uma profunda inflexão epistemológica no campo da teologia cristã. Mais do que propor novos temas ou incluir sujeitos antes marginalizados, ela questiona as bases sobre as quais o pensamento teológico foi historicamente construído. Nesse sentido, desloca os eixos tradicionais da teologia – muitas vezes assentados em dogmas, doutrinas e estruturas eclesiásticas – para afirmar que o corpo, o gênero e a experiência concreta são, em si, lugares teológicos legítimos e imprescindíveis.

Esse deslocamento não é apenas metodológico, mas também ontológico e político: ao reconhecer a experiência das mulheres como fonte do saber teológico, a teologia feminista desafia os modelos androcêntricos e patriarciais que dominaram a tradição cristã durante toda sua história, e propõe uma nova epistemologia teológica enraizada na realidade viva dos corpos historicamente silenciados.

Ao longo da história da tradição cristã ocidental, o corpo – sobretudo o corpo feminino – foi sistematicamente associado ao pecado, à fraqueza e à corrupção. Essa herança dualista, com raízes no platonismo e no estoicismo, influenciou profundamente a antropologia teológica, que valorizava a alma e detimento do corpo e via a matéria com desconfiança.

Sobre como a tradição cristã criou a imagem da mulher como responsável pela entrada do pecado no mundo, e como essa narrativa foi utilizada para justificar a exclusão e a submissão dos corpos femininos perante uma sociedade androcêntrica e patriarcal, Stanton afirma:

A Bíblia ensina que a mulher trouxe o pecado e a morte ao mundo, que precipitou a queda da raça, que foi intimada perante o tribunal do Céu, julgada, condenada e sentenciada. O matrimônio, para ela, deveria ser uma condição de servidão; a maternidade, um período de

sofrimento e angústia; e, em ‘silêncio e sujeição’, ela deveria desempenhar o papel de dependente da generosidade do homem para todas as suas necessidades materiais e para todas as informações que pudesse desejar sobre as questões vitais do momento, sendo-lhe ordenado perguntar ao seu marido em casa. Eis, resumidamente, a posição da mulher segundo a Bíblia. (Stanton, 1885, p. 17)

As mulheres, tradicionalmente acossadas à natureza, à sexualidade e à emoção, foram relegadas à esfera doméstica. Rosemary R. Ruether (1983) observa que a tradição cristã “associou o feminino ao corpo e à irracionalidade, enquanto o masculino era ligado à alma, à razão e à transcendência”. Essa lógica não apenas serviu como forma de legitimar a exclusão das mulheres dos espaços eclesiais e teológicos, como moldou o próprio imaginário sobre o sagrado, a pureza, o pecado e a salvação.

A teologia feminista rompe com essa lógica tradicional e propõe uma recuperação positiva do corpo, como lugar de experiência do divino. Ivone Gebara (1997) destaca que o corpo feminino é um lugar de revelação e de memória, que carrega as marcas das exclusões sofridas, mas também as possibilidades de reconstrução simbólica da fé:

O simples fato de termos sido considerados durante séculos seres de segunda categoria, ventres reprodutores de homens e deuses, nos permite hoje enxergar com mais clareza o caráter ideológico e manipulador das teologias patriarcas. Fomos convencidas de que a sina de ser o segundo sexo era um designio divino. Por muito tempo nos fizeram temer e até odiar nosso corpo para estar mais conformes à verdade, puro espírito.

A crítica feminista à religião patriarcal tem mostrado seus limites e sua construção teórica dependente da cultura vingente. Tal crítica quer recuperar os corpos excluídos e particularmente os femininos; quer ainda recuperar a religião como construção artística humana, marcada pela diferença de nossas percepções embora também pelas similitudes entre elas. (Gebara, 1997, p. 103)

Essa valorização do corpo implica também repensar a espiritualidade cristã. Não se trata mais de um ideal ascético ou de fuga do mundo, mas de uma espiritualidade encarnada, vivida na pele, no cuidado cotidiano, na sexualidade, na maternidade ou em sua recusa, na fome, na dança e na poesia. O corpo torna-se, assim, teofania — manifestação de Deus na carne vulnerável e viva das mulheres.

Outro pilar fundamental da teologia feminista é a introdução da categoria do gênero como lente hermenêutica. O conceito, que emerge dos estudos feministas e das ciências sociais, permite diferenciar as construções culturais do feminino e do masculino, mostrando que as desigualdades entre homens e mulheres não são naturais, mas históricas e políticas.

Através de uma abordagem teológica que usa do gênero como sua fonte central, a produção teológica feminista contribui de forma significativa para uma reinterpretação das escrituras e dos valores cristãos, desafiando a tradição hegemônica e iluminando questões centrais do debate contemporâneo sobre gênero:

Hoje encontramos uma vasta produção teológica que, amparada pelos estudos feministas e de gênero, tem contribuído significativamente na re-leitura das representações e dos discursos simbólicos que sustentaram o pensamento antropológico e legitimaram, tanto na sociedade como na Igreja, a subordinação das mulheres. Para a socióloga Maria José ROSADO, a produção no campo teológico feminista, além de surpreender pela quantidade de obras publicadas, destaca-se por haver alcançado um grau elevado de institucionalização. Ela afirma: “talvez mais em que outros campos do conhecimento, a teologia elaborada por mulheres tenha alcançado estatuto próprio”. (Furlin, 2011, p. 142-143)

Na teologia, o uso da categoria gênero revela o caráter androcêntrico da produção teológica. Como aponta Brunelli (2015, p. 116), “gênero, portanto, não é só uma mediação hermenêutica, é também uma mediação epistemológica. Faz perceber que a teologia é masculina não só porque foi sempre produzida por homens, mas porque se desenvolveu numa cultura na qual o masculino era o normativo”.

O gênero, como aponta Joan Scott (1995), é um “elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.”

A crítica feminista mostra que muitas das chamadas verdades universais — como a definição do ser humano, da salvação ou do pecado — foram construídas a partir da experiência dos homens, sobretudo ocidentais, brancos e celibatários. Essa crítica epistemológica não busca apenas acrescentar uma perspectiva feminina à teologia tradicional, mas reconstruir os próprios fundamentos do pensar teológico.

O gênero torna-se, assim, uma ferramenta política de desvelamento e de transformação, abrindo espaço para novas perguntas, linguagens e formas de pensar Deus. A teologia feminista recusa o silêncio imposto às mulheres ao longo dos séculos e afirma sua voz como parte constitutiva do povo de Deus.

2.1 A experiência como fonte e critério teológico

A noção de experiência como lugar teológico é um dos traços mais característicos da teologia feminista. Em contraste com a teologia tradicional, muitas vezes marcada por uma abstração conceitual e uma preocupação dogmática, as teólogas feministas afirmam que é na experiência vivida que Deus se revela e se dá a conhecer.

Essa experiência não é meramente subjetiva ou individual. Trata-se da experiência histórica de grupos sociais concretos — neste caso, as mulheres em sua pluralidade de realidades: mulheres negras, indígenas, trabalhadoras, lésbicas, mães, migrantes, entre outras. Como afirma Neiva Furlin (2011, p. 142), “a teologia feminista é construída por um sujeito reflexivo, que interpreta a sua própria vida à luz da fé, numa contínua articulação entre experiência e crítica”.

A experiência, portanto, torna-se critério hermenêutico e teológico. É nela que se discerne a presença -ou ausência- de Deus, que se reconhecem os sinais de seu reino e se denunciam as estruturas de desigualdade. A tradição bíblica, relida a partir dessa perspectiva, é reinterpretada à luz das dores, lutas e esperanças das mulheres. Como diria Ruether (1983), “qualquer teologia que ignore as experiências de sofrimento e opressão das mulheres é uma teologia cúmplice da injustiça”.

Essa valorização da experiência implica também em métodos mais abertos e dialogais. A teologia feminista recorre a narrativas, biografias, histórias de vida, arte, poesia e corporalidade como formas legítimas de expressão teológica. Ao romper com o exclusivismo da linguagem acadêmica e dos tratados sistemáticos, ela amplia o campo da teologia e democratiza o acesso ao discurso religioso.

A experiência, nesse contexto, não é apenas objeto de reflexão, mas também um método de conhecimento. Ela cria pontes entre a vida cotidiana e o sagrado, permitindo que o discurso teológico se aproxime da realidade concreta das pessoas. Isso confere à teologia feminista um caráter vivencial, no qual fé e vida se entrelaçam inseparavelmente.

3. Hermenêutica Feminista e Releitura do Cânone

A hermenêutica, entendida como a arte e a teoria da interpretação, possui raízes históricas que remontam à Antiguidade, mas ganhou sistematização moderna com autores como Friedrich Schleiermacher (1838), que destacou a importância da compreensão do sentido original do texto, e Hans-Georg Gadamer (1960), que ampliou o

conceito ao enfatizar a historicidade da interpretação e a fusão de horizontes entre texto e leitor. Paul Ricoeur (1976) acrescenta a dimensão da interpretação como mediação entre a distância histórica e a atualidade, permitindo que o texto produza novos sentidos no presente.

Clodovis Boff classifica três afirmações distintas em relação ao conceito de hermenêutica, onde na terceira se discorre sobre a interpretação teológica como busca pelo significado pretendido na escrita, e em seguida com a função de criação de sentidos atribuídos posteriormente por determinada comunidade:

1. A de uma canônica da interpretação exegética. Aqui nos deparamos com o sentido etimológico do termo *hermeneutikē technē*; 2) A acepção de interpretação como tal, isto é, de exegese como operação de decifração, incluindo seu resultado. Poder-se-ia então falar aqui de uma hermenêutica, em oposição à noção anterior –a da *hermēnenutikē technē*; 3. Enfim, a Hermenêutica pode ser simplesmente considerada como sinônimo de Teologia, enquanto esta tem por tarefa a compreensão de um sentido originário hoje e para hoje. Segundo esta acepção maximizante, a Hermenêutica teológica corresponderia ao que nós chamamos ‘teoria teológica’. Assim por ex., haveria uma ‘Hermenêutica dos Sinais’; uma ‘Hermenêutica da História’, uma Hermenêutica Política’, etc. (Boff, 1978, p. 239-240)

No campo da teologia feminista, esse arcabouço hermenêutico é ressignificado: a leitura crítica reconhece que nenhum ato interpretativo é neutro e que a tradição canônica foi moldada por relações de poder. Assim, a hermenêutica feminista se apropria desses fundamentos para, a partir da experiência e da perspectiva das mulheres, propor releituras que rompem com interpretações androcêntricas e recuperam vozes silenciadas na história da fé.

A relação entre as mulheres e as Escrituras cristãs é atravessada por silenciamentos, exclusões e resistências. Ao longo da história, o cânone bíblico foi constituído sob a hegemonia de sujeitos masculinos, em contextos sociais profundamente patriarcais e androcêntricos, que influenciaram tanto a seleção dos textos como sua interpretação autorizada. A teologia feminista, ao assumir uma postura crítica e transformadora diante dessa tradição, propõe um repositionamento do próprio lugar do sujeito que interpreta, fazendo emergir novas perguntas, outros sentidos e distintas formas de vivenciar a fé. :

Ao observar a forma como as teólogas desenvolveram a Teologia Feminista, nota-se a priorização da hermenêutica bíblica como método de releitura das Escrituras Sagradas, realizada a partir da própria experiência concreta das mulheres. Por meio dessa abordagem, foram elaboradas novas narrativas teológicas nas quais as mulheres se reconhecem como sujeitos ativos na construção de um novo saber no campo teológico. Ainda que, por vezes, ocupem posições marginais no discurso dominante, essas narrativas funcionam de maneira expressiva como tecnologias de gênero, capazes de produzir, reafirmar e ressignificar as subjetividades femininas, abrindo espaço para formas alternativas de compreensão da fé e da tradição. (Furlin, 2011, p. 156)

A formação do cânone não foi um processo neutro ou puramente espiritual, mas histórico e político. O cânone, longe de ser apenas uma coleção de textos sagrados, é também uma expressão de poder e controle simbólico. Conforme argumenta Elisabeth Schüssler Fiorenza (1992, p.14) “a história do cristianismo é a história do silenciamento das mulheres”, e propõe uma reconstrução crítica das origens da fé cristã a partir da memória de figuras femininas esquecidas ou distorcidas pela tradição.

O questionamento da autoridade do cânone não significa sua negação ou abandono, mas o reconhecimento de que sua leitura tradicional foi marcada por olhares masculinos, clericais e eurocêntricos, que definiram os sentidos

legítimos da fé. Como aponta Furlin (2011), a teologia feminista “coloca a Escritura em debate”, desestabilizando os critérios de normatividade e universalidade que sustentam a interpretação canônica hegemônica. Tal gesto hermenêutico permite perceber que o cânone também pode silenciar, e que relê-lo é uma forma de resistência e justiça epistêmica.

A proposta de leitura feminista das Escrituras baseia-se naquilo que se convencionou chamar de hermenêutica da suspeita, conceito originalmente desenvolvido por Paul Ricoeur e reinterpretado por diversas teólogas feministas. Essa hermenêutica parte da premissa de que o texto bíblico deve ser lido com atenção às suas ambivalências, contradições e contextos históricos de redação e canonização. Citando Ricouer: “interpretar é fazer surgir, a partir do texto, um mundo no qual o leitor possa habitar” (RICOEUR, 1995, p. 89), e essa habitação só pode ocorrer de maneira ética quando se reconhecem as ausências e os silenciamentos inscritos no texto.

Nelson da Silva (2011) afirma que, na hermenêutica feminista, a suspeita é ponto central do método de desconstrução e reconstrução, juntamente com a análise de gênero:

Na hermenêutica feminista, a suspeita é um ponto importante do método da desconstrução e reconstrução juntamente com a análise de gênero. Pensar a experiência a partir desse método é revisar a vida, ter novos horizontes, construir novas formas de vida. Essa revisão inclui a pergunta pelas causas da exclusão, da opressão, da violência. Tudo. Trazer as histórias de vida, as experiências vividas e suspeitar do que está dado como norma faz da hermenêutica feminista uma aliada da educação comprometida com a transformação. (Silva, 2011, p. 18)

A hermenêutica da memória, também trabalhada por Ricoer, por sua vez, procura recuperar os nomes, gestos e vozes de mulheres presentes nas Escrituras — muitas vezes subestimadas ou ignoradas pela tradição exegética. Figuras bíblicas como Débora, Miriam, Maria de Nazaré, Maria Madalena, Priscila, Febe, Lídia e tantas outras são relidas como sujeitas teológicas, protagonistas de um discipulado de iguais e testemunhas ativas da fé cristã.

Essa recuperação, no entanto, não é nostálgica, mas reconstrutiva. Como afirma Ivone Gebara (1997, p. 77), a Bíblia deve ser lida a partir das questões que brotam da realidade concreta, especialmente da vida de mulheres pobres, racializadas, marginalizadas ou dissidentes. É a partir de sua dor, sua alegria, sua esperança e sua fé que os textos ganham novos sentidos. A leitura bíblica, então, torna-se um ato de resistência, uma forma de descolonizar a fé e de libertar as Escrituras do controle interpretativo institucionalizado.

A teologia feminista propõe uma reexistência teológica, termo que aponta para a recusa em apenas resistir ou sobreviver às estruturas opressivas da tradição, mas também para a criação de novas formas de ser, de pensar e de crer. A hermenêutica feminista constrói sentidos teológicos em diálogo com as lutas sociais, com a memória das ancestrais e com a corporeidade como espaço sagrado.

Essa reexistência se manifesta em práticas de leitura comunitária da Bíblia, em liturgias alternativas, na criação de narrativas teológicas a partir da experiência cotidiana e nas teologias interseccionais que articulam gênero, raça, classe, sexualidade e território. Como enfatizado por Neiva Furlin, a voz feminina que emerge nas margens do discurso teológico implica em uma reconfiguração dos critérios de autoridade e no questionamento de quem tem o direito de interpretar, ensinar, celebrar e falar em nome de Deus.

4. Desafios e Contribuições das Teologias Feministas Contemporâneas

As teologias feministas contemporâneas constituem um campo dinâmico, em constante diálogo com a realidade social e eclesial. Elas se alimentam das conquistas e debates de mais de um século de reflexão, mas também enfrentam novos desafios diante das transformações culturais, políticas e religiosas do século XXI.

O primeiro grande desafio é a resistência institucional. Apesar dos avanços no reconhecimento da participação das mulheres na vida da Igreja e na teologia, as estruturas eclesiás ainda permanecem majoritariamente controladas por homens. Como observa Furlin (2011), o reconhecimento da produção teológica feminina “significa ser válida pelos homens da Igreja”, o que perpetua um mecanismo de validação mediado pelo poder masculino.

Há ainda a deslegitimização acadêmica em alguns círculos. Embora as universidades e seminários venham incorporando disciplinas e programas de estudos de gênero e religião, ainda é comum que a teologia feminista seja vista como “agenda política” e não como produção acadêmica legítima, o que dificulta seu pleno reconhecimento no campo científico e teológico.

Apesar desses desafios, as contribuições das teologias feministas são profundas e transformadoras. Em primeiro lugar, elas oferecem novos critérios hermenêuticos que deslocam o eixo da interpretação bíblica do universalismo abstrato para o enraizamento nas experiências concretas de vida. Isso permite ler a Escritura a partir de perspectivas historicamente marginalizadas, revelando sentidos antes invisibilizados. Em segundo lugar, as teologias feministas reconfiguram o conceito de autoridade canônica. Ao afirmar que a experiência e a prática das mulheres são lugares legítimos de produção teológica, elas questionam a centralidade exclusiva das tradições dogmáticas e clericais.

Além disso, a teologia feminista promove uma teologia encarnada, que não separa fé e vida, mas as comprehende em unidade. Nesse sentido, recupera a dimensão libertadora do Evangelho, em sintonia com as teologias da libertação e outras abordagens críticas.

Por fim, ao dialogar com outras áreas do saber — como a sociologia, a antropologia, a história e os estudos culturais —, a teologia feminista contribui para interdisciplinarizar a reflexão teológica, ampliando suas possibilidades de interpretação e ação.

Como destaca Rosemary Radford Ruether (1983), “qualquer teologia que ignore as experiências de sofrimento e opressão das mulheres é cúmplice da injustiça”, lembrando que a função da teologia não é apenas interpretar a fé, mas transformá-la em força vital para a dignidade humana.

Conclusões

A trajetória da teologia feminista evidencia que seu surgimento não foi um acidente histórico, mas o resultado de séculos de resistências sutis e explícitas das mulheres diante de estruturas eclesiás e teológicas excludentes. Desde as pioneiras como Elizabeth Cady Stanton, com *The Woman's Bible* (1895), passando pela reconstrução teológica proposta por Elisabeth Schüssler Fiorenza e pela práxis comprometida de Ivone Gebara e Neiva Furlin na América Latina, percebe-se que esse movimento constitui um processo contínuo de denúncia das violências simbólicas e estruturais presentes na religião e anúncio de novas formas de vivenciar e interpretar a fé. A principal contribuição da teologia feminista para o debate contemporâneo é a insistência em ler a Bíblia e fazer teologia a partir da vida concreta das mulheres. Isso implica considerar as interseções de gênero com raça, classe, sexualidade e território, reconhecendo que as opressões se entrelaçam e demandam respostas teológicas igualmente interseccionais. A leitura da Escritura, portanto, não é mero exercício acadêmico, mas ato político e espiritual, capaz de gerar transformação pessoal e comunitária.

Conclui-se, portanto, que a hermenêutica feminista não é apenas uma metodologia interpretativa, mas um posicionamento ético e político que questiona as bases do discurso teológico e eclesial. Ao colocar a vida das mulheres no centro da reflexão, ela amplia o próprio sentido de “sagrado” e redefine a função social da teologia.

Referências

- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOFF, Leonardo. *Teologia e prática: teologia do político e suas mediações*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BULTMANN, Rudolf. *Jesus Christ and Mythology*. New York: Charles Scribner's Sons, 1958.
- CONE, James H. *A Black Theology of Liberation*. Philadelphia: Lippincott, 1970.
- COX, Harvey. *The Secular City: Secularization and Urbanization in Theological Perspective*. New York: Macmillan, 1965.
- DUBE, Musa W. *Postcolonial Feminist Interpretation of the Bible*. St. Louis: Chalice Press, 2000.
- FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *But She Said: Feminist Practices of Biblical Interpretation*. Boston: Beacon Press, 1992.
- FURLIN, Neiva. Teologia feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, v. 11, n. 1, p. 139-164, 2011.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GEBARA, Ivone. *Romper o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GEBARA, Ivone. *Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião*. São Paulo: Olho d'Água, 1997.
- PAIXÃO, Márcia; EGGERT, Edla. A hermenêutica feminista como suporte para pesquisar a experiência das mulheres. Processos Educativos no Fazer Manual de Mulheres do Rio Grande do Sul. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, p. 13-22, 2011.
- RICOEUR, Paul. *Freud and Philosophy: An Essay on Interpretation*. New Haven: Yale University Press, 1970.
- RUETHER, Rosemary Radford. *Sexism and God-talk: Toward a Feminist Theology*. Boston: Beacon Press, 1983.
- STANTON, Elizabeth Cady. *The Woman's Bible*. New York: European Publishing Company, 1895.